



Determinação

O mundo em suas mãos

A violoncelista tinha tudo – menos o que mais amava

Por DEBRA GORDON

FAZIA CALOR naquele dia de verão de 1999 – tanto calor que os músicos no Salão Principal do Conservatório de Moscou se envolviam em lençóis molhados durante os intervalos para se refrescarem. Mas, antes mesmo que os últimos ecos da música desaparecessem, eles sabiam ter feito justi-

ça à beldade russa que gravava seu disco de estréia.

Após a gravação, a orquestra e a equipe rapidamente foram para seus quartos de hotel com ar condicionado. Agora o magnífico salão estava em silêncio.

Nina Kotova ficara sozinha.

A violoncelista de 29 anos caminhou entre os assentos vazios, as costas eretas como as de uma bailarina. Subiu ao palco e ficou

parada sob o enorme teto abobadado. Fechando os olhos, escutou.

Em meio ao silêncio, ela ouviu a música – Rachmaninoff, Tchaikovsky. E, soando acima deles, ouviu os tons graves e sonoros do contrabaixo de seu pai.

Ivan Kotov morrera havia 14 anos. Mas ali, no lugar onde ele estudara e se apresentara, Nina sentia que ele estava perto. Podia sentir sua energia junto à de todos os grandes mestres que haviam tocado ali. E então soube, afinal, que o estranho e tortuoso curso de sua vida tinha um sentido.

IVAN KOTOV era um homem grande, tanto física quanto emocionalmente; dizia-se que lidava com o enorme contrabaixo como se fosse um violino.

Quando tinha 3 anos, Nina divertia o pai ao colocar balas nos buracos do seu baixo. Alguns anos mais tarde, ela descobriu o doce som do violoncelo, instrumento parecido com o do pai, porém mais adequado ao seu tamanho.

Convidada a estudar o violoncelo no Conservatório de Moscou aos 7 anos, Nina ensaiava sem parar, até que os dedos sangrassem e a cabeça latejasse. Em sua mente, “apenas a música existia”, lembra ela.

Mas, enquanto Nina se perdia no

mundo da música, o pai encontrava cada vez menos portas abertas nesse mesmo mundo. Orgulhoso e independente, Ivan desagradou às autoridades soviéticas. Embora fosse considerado um virtuose por muitos, a reputação de encenqueiro interferia em sua carreira. Ainda assim, em meio a tudo isso, Nina idolatrava o pai e se ressentia profundamente do que via como sinais de rejeição e isolamento.

Em 1985, quando Nina, então com 15 anos, ganhou o prestigioso Concurso Internacional de Praga, sua alegria foi maculada pela notícia de que a saúde do pai não estava bem. Hospitalizado com problemas pulmonares, Ivan morreu aos 35 anos.

Para Nina, a causa da morte era clara: o espírito do pai havia sido esmagado pelo peso da opressão. E, para ela, a perseguição não terminou aí. Nina acredita que,

após a morte de Ivan, fizeram-na pagar pelo comportamento indomável do pai.

O triunfo de Nina em Praga deveria ter significado sua entrada em uma carreira musical gloriosa. Em vez disso, porém, ela não recebeu nenhum prêmio, nenhum concerto foi marcado. “Apenas alguns dos meus colegas me cumprimentavam.” O

Ela soube,
afinal, que
o estranho e
tortuoso
curso de
sua vida
tinha um
sentido.

professor de violoncelo de Nina marcou um encontro com a mãe da jovem no metrô, para evitar que o ouvissem. “Mande Nina embora”, sussurrou ele. “Ela não tem futuro aqui.”

Dois anos se passariam até que Nina tivesse sua chance. Quando um professor soube que ela havia sido convidada para visitar amigos na Alemanha, deu-lhe uma carta de recomendação para um colega do Conservatório de Colônia. Mas, antes que pudesse partir, Nina tinha de encarar a KGB e solicitar um visto para viajar.

— O que pode haver em outro lugar que não existe aqui? — perguntaram os agentes do governo.

Liberdade!, pensou Nina. Entretanto, com voz doce, ela respondeu:

— Eu só quero ver outra parte do mundo. Estarei de volta em um mês.

Eles a deixaram ir.

Em 1989, Nina devolveu seu violoncelo, de propriedade do Estado, ao Conservatório de Moscou. Arrumou a mala, levou algumas bonecas russas e uma garrafa de vodca para dar de presente, pegou o adorado contrabaixo do pai e, numa tarde ensolarada, embarcou em um trem para a Alemanha.



Momento de reflexão – Em casa, num intervalo entre concertos, Nina examina uma peça que escreveu em memória do pai.

Naquela época, a *glasnost* começava a espalhar um sentimento de esperança e maior liberdade pela União Soviética. Nina foi aprovada no Conservatório de Colônia e lá estudou até 1990. Ao voltar para a Rússia, espantou-se com as mudanças que já tomavam conta do país. No entanto, mesmo com o novo clima político, Nina se deu conta de que seu futuro estava em outro lugar: nos Estados Unidos.

Em 1992, recebeu uma bolsa de estudos na Universidade de Yale. Mas seus dias na renomada instituição

não duraram muito; após dois meses, o pouco dinheiro que havia poupado acabou, forçando-a a deixar Yale. Morando em Nova York, foi ficando cada vez mais desesperada, enquanto procurava um emprego.

Um dia, uma amiga sugeriu que Nina, dona de uma beleza natural, com maçãs do rosto salientes e olhos sedutores, participasse de um concurso da agência de modelos Ford.

De início, ela rejeitou a idéia, pois a música era seu único amor.

Mas Nina não tinha dinheiro, nem violoncelo. Só tinha sua beleza. Então, pela primeira vez na vida, passou um pouco de rímel nos cílios e, com relutância, foi fazer o teste.

A agência a contratou e em pouco tempo ela estava correndo de uma sessão de fotografias para outra.

No entanto, mesmo com toda a atenção dedicada a ela, Nina não se sentia muito à vontade no mundo da alta-costura. *Isso não faz sentido*, pensava, enquanto as câmeras clicavam. Sentia-se envergonhada por seu corpo se ter tornado um mero cabide para roupas elegantes.

Ela mal reconhecia aquela criatura glamourosa que começou a aparecer nas revistas de moda americanas e européias. “Aquela não sou eu”, disse uma vez, quando lhe pediram autógrafo. “É minha irmã gêmea.”

Com o primeiro pagamento – de 300 dólares – Nina comprou um violoncelo barato e daí por diante ele se tornou tão presente em sua vida quanto o estojo de maquiagem. Quando viajava, ela comprava uma segunda passagem para o “Sr. Violoncelo”. E, quando não estava desfilar ou posando para as câmeras, estudava, perdendo-se na música que podia agora criar com as mãos, e não apenas com a mente.

Aos poucos seu lado musical assumiu o controle e, em 1995, Nina abandonou a carreira de modelo e mudou-se para Londres com a mãe e o padrasto. As colegas ficaram chocadas. Como ela podia desistir?

Nina, porém, estava exultante. Nunca duvidara de que voltaria para a música.

“Comecei a estudar música quando tinha 7 anos. Ela se apossa de você.”

A jovem preparou-se durante meses para a nova vida. Até que, em 1996, a mãe e o padrasto decidiram dar à carreira de Nina um início adequado, com uma festa em sua casa de Londres.

Havia champanhe, caviar e, como atração principal, a apresentação de Nina no salão de música particular da família. O evento, realizado no dia do aniversário de Ivan Kotov, marcou a volta de Nina ao mundo da música.

Quatro meses após a festa de es-

‘Comecei a estudar música quando tinha 7 anos’, diz Nina. ‘Ela se apossa de você.’

tréia, Nina recebeu um telefonema de seu agente. Ele explicou que um dos músicos contratados para se apresentar em um concerto no prestigioso Wigmore Hall de Londres havia desistido. Faltavam só duas semanas. Nina poderia substituí-lo?

COM UM VESTIDO de seda vermelha desenhado pela mãe, Nina estava deslumbrante quando se sentou com seu violoncelo no palco do Wigmore Hall. Era o dia 22 de julho de 1996 e ela estava prestes a executar uma peça de sua autoria no auditório que havia sido cenário das estréias de quase todos os grandes músicos dos últimos 90 anos em Londres.

Parecendo calma e relaxada, ela tocou as cordas com o arco e mergulhou em várias composições difíceis, uma após a outra. Prokofiev, Tchaikovsky e, em seguida, Nina Kotova: *Esboços da passarela*, uma interpretação musical sobre seus dois anos como modelo.

A apresentação lançou Nina em uma trajetória nova. De repente ela se tornava a queridinha da mídia e o assunto de artigos não apenas em revistas de música, mas nas mesmas páginas que havia freqüentado como modelo.

No difícil mercado da música clássica, Nina era o sonho de todo departamento de *marketing*. As fotos do

disco de estréia, de 1999, gravado em Moscou, mostram Nina envolvida em sedas e cetins ricamente desenhados, com a maquiagem realçando os olhos de gazela. Os compradores a consideraram irresistível: o primeiro CD vendeu cerca de 46 mil cópias, um número impressionante para a música clássica.

DESDE QUE DEIXOU a carreira de modelo, Nina tem se apresentado em grandes salas de concerto por todo o mundo. Aposentou o Sr. Violoncelo e agora toca um Guarneri de 1696, que vale um milhão de dólares. Está morando em uma casa pequena em Dallas, enquanto reforma aquela para onde irá depois de se casar.

Para Nina, porém, o maior triunfo é que, finalmente, ela encontrou a felicidade no mundo da música.

Vestindo *jeans* e um quimono de seda cinza, ela se dirige a um dos quartos da casa e se acomoda em uma cadeira de espaldar reto. Coloca o violoncelo próximo ao corpo e começa a tocar.

Planando, viajando e dançando, a música tece um conto de delícias e maravilhas. Nina fecha os olhos e a mente se enche de memórias – da Rússia, da infância, do pai.

Ela ainda toca para ele. E sabe que, em algum lugar, Ivan Kotov a ouve.

Quando os pais deixam de se preocupar com por que os filhos não apagam as luzes, começam a se preocupar com por que as apagam.

—REIMUNDO MALDONADO, *EUA*